

Juventude.Br
ISSN 1809-9564

Juventude.Br é uma publicação do Centro de Estudos e Memória da Juventude - CEMJ

EDITORES

Euzébio Jorge Silveira de Sousa e Elisangela Lizardo

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Luana Meneguelli Bonone

CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Andrey Leitão

TIRAGEM

5 mil exemplares

COMISSÃO EDITORIAL

Elisangela Lizardo, Euzébio Jorge Silveira de Sousa, Thiago Custódio, André Tokarski, Luana Bonone, Nilson Weisheimer, Pedro Luiz Teixeira de Camargo.

CONSELHO DIRETOR DO CEMJ

André Tokarski, Carlos Eduardo Siqueira Pinheiro, Rubens Diniz, Ricardo Abreu de Melo, Roberto Daniel Cardoso Landim, Renata Czekay, Aline de Sousa Lima, Carlos André Conceição Alves, Maria das Neves, Arthur Carneiro Gomes, Anderson Bahia, Giovanni Klay Silva Trindade, Euzébio Jorge Silveira de Sousa, Larissa Miho Nishijima, Roberta Soeiro M. Souza, Marcelo Marigliani Arias, Elisangela Lizardo, Bruna Martins, Bruno Baronetti, Lauri Castro, Alexandre Machado Rosa.

DIRETORIA EXECUTIVA DO CEMJ

Presidente

Euzébio Jorge Silveira de Sousa

Diretora de Planejamento e Patrimônio

Larissa Miho Nishijima

Secretária Geral

Roberta Soeiro M. Souza

Diretor de Políticas Públicas

Marcelo Marigliani Arias

Diretora de Estudos e Pesquisas

Elisangela Lizardo

Diretora de Memória

Bruna Martins

Diretor de Cultura

Bruno Baronetti

Diretor de Comunicação

Lauri Castro

Diretor de Atividades Educativas e Esportivas

Alexandre Machado Rosa

A revista Juventude.Br aceita colaborações que lhe forem enviadas, reservando-se o direito, a critério da editoria e do Conselho Consultivo do CEMJ, de publicá-las ou não. A publicação de um artigo não implica em compromisso da revista ou do CEMJ com o seu conteúdo. As opiniões emitidas são de responsabilidade exclusiva dos autores. Os artigos enviados não devem exceder 15.000 caracteres com espaços. Artigos maiores dependerão de acerto prévio com o editor. Os artigos devem ser enviados em formato de texto. Citações devem seguir as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT).

Os artigos publicados na Juventude.Br são licenciados pela Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0. Maiores informações sobre a licença: <http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/>

A JUVENTUDE CONSTRUINDO CIDADES MAIS HUMANAS

As grandes cidades têm se tornado territórios de grande hostilidade para uma vida saudável e interações sociais. Organizadas a partir das demandas da especulação imobiliária, das corporações ligadas ao transporte e das empresas que geram as mais excêntricas necessidades de consumo, os territórios urbanos geram desumanização e rompimentos de laços comunitários. Ao buscar construir grandes metrópoles com rotinas claras e eficiência logística, a fim de permitir o livre trânsito de mercadorias e da força de trabalho, a sociedade urbana industrial transpôs para a dinâmica das cidades a lógica capitalista de exclusão social e contradições. A busca por valorização de terras urbanas segregou os trabalhadores em regiões cada vez mais distantes de seus locais de trabalho, apertados em desconfortáveis transportes coletivos por duas ou até quatro horas por dia, deixando a jornada de trabalho ainda mais extenuante e improdutiva. A indústria dos sonhos automotivos se digladiava com políticas públicas de construção de corredores de ônibus e ciclovias que poderiam reduzir o martírio do deslocamento urbano. As vorazes construtoras utilizam seu poder financeiro para direcionar investimentos públicos em infraestrutura em áreas onde beneficiem seus negócios, privando vastas regiões das periferias de infraestruturas e garantia de direitos básicos.

A 14ª edição da revista Juventude.Br traz como mote: **A Juventude Construindo Cidades mais humanas**. A juventude que vive um período de experimentações, construção de autonomia e transição para a vida adulta se sociabiliza e constrói seus valores imersos nos conflitos das grandes cidades, convivendo com profundas desigualdades e, no caso brasileiro, pronunciadas diferenças geográficas por classe, raça/etnia e orientação sexual. A dinâmica do capitalismo brasileiro reproduz nas cidades a segregação social que impede o

encontro entre os filhos dos ricos e os filhos dos pobres em nenhuma dimensão da vida social, seja na escola, no transporte público, ou mesmo na balada. Essa característica ajuda a compreender porque as vítimas da violência urbana são jovens negros, pobres e da periferia, assim como compreender como a guerra contra as drogas são apenas mais uma das feições da desigualdade nas grandes cidades.

Mesmo com todas as contradições acima citadas, a juventude não só encontra válvulas de escape para diferentes formas de sociabilização e práticas culturais não mercantilizadas - cito os saraus nas periferias, os bailes Funks, os Rolezinhos, os coletivos culturais -, como protagonizam os mais diversos movimentos sociais de resistência política. O maior movimento recente de contestação da dinâmica econômica e social das grandes cidades foram as manifestações de Junho de 2013 que tiveram, como mote principal, o elevado preço do transporte público; vale destacar que movimentos por mobilidade urbana assumiram diferentes feições, a exemplo das organizações de ciclistas que ganham importância nas grandes metrópoles. Em 2015 e 2016 o movimento estudantil secundarista (por meio da UBES, entidades estudantis estaduais, mu-

nicipais e grêmios) ocuparam dezenas de escolas e casas legislativas em todo país, contestando a baixa qualidade da educação, o fechamento de escolas; o que obrigaria os jovens a estudarem mais longe de suas residências, a gastarem com o transporte até a escola e descaracterizaria a centralidade da escola na vida comunitária dos bairros. Como será visto no artigo “Juventude Espoliada”, na busca por construção de autonomia, os jovens protagonizam os movimentos por moradia, ocupando prédios e terrenos por todo o país. Com isso concluímos que as grandes cidades expressam as desigualdades e contradições de nossa sociedade urbana industrial, o subproduto da dinâmica caótica das cidades são nocivas não só para as relações sociais, como para a própria lógica de valorização de capital, em cidades paralisadas pela imobilidade urbana. Ainda assim, a juventude se organiza e se contrapõem de diversas formas a essa lógica mercantilizadora das relações sociais. Os temas acima apresentados serão tratados de forma aprofundada nos artigos a seguir. Boa leitura.

Euzébio Jorge Silveira de Sousa,
Presidente do CEMJ

